

Pesquisa brasileira de comunicação: os desafios dos anos 90

Margarida M. Krohling Kunsch
Universidade de São Paulo

RESUMO

Análise retrospectiva da pesquisa de comunicação nas universidades brasileiras que oferecem programas de pós-graduação. Perfil dos cursos de pós-graduação em comunicação e de suas linhas de pesquisa. Papel da Intercom no desenvolvimento da pesquisa brasileira de comunicação. Avaliação das tendências atuais dessa pesquisa e desafios nacionais para sua consolidação.

Palavras chave: Pesquisa em comunicação; pós-graduação em comunicação; política científica; Intercom.

ABSTRACT

Historical analysis of communication research in the graduate programs of the Brazilian universities. Profile of communication graduate programs and their research priorities. Role played by Intercom in the development of the Brazilian communication research. Evaluation of the communication research tendencies and the national challenges for its consolidation.

Key words: Communication research; communication graduate education; scientific policy; Intercom.

RESUMEN

Análisis retrospectivo de la investigación de la comunicación en los cursos de posgrado mantenidos por las universidades brasileñas. Perfil de esos programas de posgrado y de sus líneas de investigación. El rol que viene jugando Intercom para el desarrollo de la investigación brasileña de la comunicación. Evaluación de las tendencias de la investigación comunicacional y de los retos nacionales para su consolidación.

Palabras clave: Investigación de la comunicación; posgrado en comunicación; política científica; Intercom.

INTRODUÇÃO

A proposta deste tema que aqui se coloca para reflexão é por si mesma desafiadora. Primeiro, pela sua abrangência, se considerarmos que, quando se fala em pesquisa em comunicação no Brasil, não se pode ficar restrito apenas àquela pesquisa gerada no meio acadêmico, mas se deve levar em conta, também, a que é realizada pelos institutos especializados (Marplan, IBOPE, Leda Nielsen, Research International Brasil etc.), pelas agências de Publicidade e Propaganda, pelas empresas de Comunicação e pelas assessorias de Relações Públicas. Segundo, pelas dificuldades em se ter disponível um banco de dados capaz de fornecer informações completas de toda pesquisa em Comunicação produzida na universidade e no mercado profissional, para um diagnóstico e uma análise mais segura das principais tendências e do volume já acumulado na sua totalidade.

Feitas essas observações, pretendemos, neste trabalho, traçar um panorama da pesquisa em Comunicação no Brasil, circunscrita à área acadêmica.

A primeira parte versará sobre o papel dos cursos de pós-graduação e sua importância para sistematizar a pesquisa científica no Brasil.

Na segunda parte serão apresentados dados globais sobre o funcionamento dos cursos de pós-graduação em Comunicação nas universidades brasileiras.

O outro ponto destacará a contribuição da Intercom para o desenvolvimento da pesquisa em Comunicação no País, por meio de suas diferentes atividades desenvolvidas nos últimos quinze anos. A quarta parte tratará especificamente dos desafios dos anos 90 a serem enfrentados pelos pesquisadores e pelas escolas de comunicação se realmente optarem pelo avanço e pela consolidação desse campo de conhecimento.

A avaliação da pesquisa em Comunicação no Brasil e a necessidade de se estabelecerem políticas para seu avanço e sua consolidação serão os temas das duas últimas partes.

1. O PAPEL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

A pesquisa na universidade brasileira foi institucionalizada oficialmente com a implantação dos cursos de pós-graduação e com a Reforma Universitária de 1968, quando foi associada ao ensino e à extensão, apesar das iniciativas existentes anteriores.

Algumas iniciativas mais relevantes que devem ser mencionadas. A da Universidade de São Paulo, por ocasião de sua criação, em 1934, quando trouxe para seus quadros professores visitantes estrangeiros. "Esses cientistas internacionais contribuíram não só para que à USP coubesse o pioneirismo na formação de toda uma geração de pesquisadores, como também desencadeasse o processo do ensino da ciência nas universidades" (1). A Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do Instituto de Biofísica. E a Universidade Federal de Viçosa,

onde se procurou organizar as atividades de pesquisa de forma mais estruturada e buscar fontes externas de financiamento (no caso, de fundações como Kellogs, Rockefeller etc.).

Se considerarmos a situação educacional brasileira, podemos, de acordo com o documento produzido pela CAPES, em 1991 — sobre “Pós-graduação no Brasil: problemas e perspectivas” — dizer que a pós-graduação brasileira constitui o setor mais bem sucedido de todo o sistema e isto deve ser considerado como conquista a ser preservada. “Apesar de constituir um setor restrito e estar muito desigualmente distribuído entre as instituições de ensino superior, representa o que nelas há de melhor e constitui a base necessária para seu próprio aperfeiçoamento (2).

O sistema vigente dos cursos de pós-graduação no Brasil foi implantado segundo o Parecer nº 977 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Federal de Educação, datado de 03 de dezembro de 1965, cujo relator foi o Conselheiro Newton Sucupira. Seu texto explicita três motivos fundamentais para efetivação desses cursos:

1. Formar professorado competente que possa atender à expansão quantitativa de nosso ensino superior, garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos atuais níveis de qualidade;
2. Estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores;
3. Assegurar o treinamento adequado de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores.

“Na verdade, permeia todo o Parecer a idéia mais geral de que só com a pós-graduação seria possível institucionalizar as pesquisas nas universidades” (3). Ele ressalta as modalidades da pós-graduação “lato sensu” e “stricto sensu” (Mestrado e Doutorado).

O legislador Sucupira direcionou suas atenções prioritariamente para os cursos de Mestrado e Doutorado, seguindo o modelo americano. Desses cursos se esperava a grande renovação da universidade como centro de produção científica. Segundo ele, “o Mestrado possui significado próprio como grau terminal para aqueles que, desejando aprofundar a formação científica ou profissional recebida nos cursos de graduação, não possuem vocação ou capacidade para a atividade de pesquisa de que o PhD deve ser o atestado”. Já o Doutorado deveria ser concebido como o cerne da pós-graduação. “A orientação é no sentido de aliar uma sólida formação acadêmica através de cursos regulares e estudos independentes, avaliada em exames gerais em áreas específicas do conhecimento, tudo isso coroado pela pesquisa e elaboração de tese. É dessa formação que se espera a revolução no ensino superior, com a constituição de núcleos de cientistas bem treinados e preparados” (4).

Castro distingue três ciclos na pós-graduação brasileira. Ao longo das décadas de 50 e 60, enfatizou-se a formação de pessoal. Os anos 70 foram marcados pela criação de cursos. E a década de 80 foi o período de consolidação e de maior destaque à pesquisa (5).

Outro fator que também contribuiu para acelerar o desenvolvimento da pós-graduação foi a ampliação da rede universitária na década de 70. Pelo quadro apresentado a seguir (Quadro I), percebe-se um crescimento significativo nos anos 70, estacionamento nos anos 80 e expansão nos últimos anos (7).

QUADRO I

ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Evolução do número de cursos, do alunado e dos titulados, por nível, entre 1976 e 1989

Anos	Cursos		Alunos vinculados				Titulados		
	Mest.	Dout.	Total	Mest.	Dout.	Total	Mest.	Dout.	Total
1976	561	200	761	24.190	2.041	26.231	2.199	188	2.387
1977	618	219	837	28.546	2.977	31.523	2.907	316	3.223
1978	664	235	899	30.109	3.522	33.631	3.885	376	4.261
1979	703	252	955	32.330	3.971	36.300	4.003	465	4.468
1980	726	277	1.003	34.550	4.419	38.969	4.121	554	4.675
1981	736	285	1.021	35.409	5.709	41.118	3.952	551	4.502
1982	760	301	1.061	36.268	6.999	43.267	3.782	547	4.329
1983	777	314	1.091	37.351	6.564	43.915	3.968	587	4.555
1984	792	333	1.125	37.985	7.151	45.136	3.657	628	4.285
1985	820	346	1.166	37.943	7.871	45.814	3.802	720	4.522
1986	829	353	1.182	37.825	8.627	46.452	3.630	743	4.373
1989	951	428	1.379	36.382	10.122	46.504	5.040	997	6.037

Fonte: CAPES/CGA/DEM

Nota: Dados ajustados para 1979-82

Esses cursos são distribuídos por áreas de conhecimento e entre as ciências básicas e aplicadas e ramos de formação profissional o quadro seguinte (Quadro II) demonstra uma certa equidade entre as áreas (8).

QUADRO II

PÓS-GRADUAÇÃO

Cursos existentes e corpo docente, por natureza do vínculo, segundo área de conhecimento

Áreas de Conhecimento	Total de programas	Número de Unidades CURSOS			Corpo docente VINCULO			Alunos vinculados			
		Total	Mest.	Dout.	Total	Perm.	Visit.	Partic.	Mest.	Dout.	Total
Exatas	131	194	131	63	4.173	3.072	367	734	4.188	1.873	6.061
Biológicas	112	172	110	62	3.541	2.235	128	1.178	2.880	1.464	4.344
Engenharia	95	141	95	46	2.496	1.898	101	497	5.436	1.287	6.723
Saúde	225	349	219	130	6.638	4.288	228	2.122	4.370	1.342	5.712
Agro-indust.	113	143	111	32	4.093	2.720	149	1.224	3.203	701	3.904
Prof. Sociais	91	113	90	23	3.085	2.116	86	883	5.985	1.175	7.160
Humanas	144	185	142	43	3.360	2.499	166	695	8.045	1.477	9.522
Letras	53	82	53	29	1.164	938	101	125	2.275	803	3.078
TOTAL GERAL	964	1.379	951	428	28.550	19.766	1.326	7.458	36.382	10.122	46.504

Fonte: CAPES/CGA/DEM

Outro aspecto relevante a considerar é a concentração da pós-graduação na região Sudeste, uma consequência natural da heterogeneidade do sistema brasileiro de educação superior, como demonstra o Quadro III (9).

QUADRO III
Alunos vinculados a programas de pós-graduação, por região, segundo as áreas de conhecimento e o nível do curso — 1989, em percentuais

Região	Exatas		Biológicas		Engenharia		Profissões da saúde		Profissões agro-industriais		Profissões sociais		Ciências sociais e humanas		Letras Linguística Artes		Totais		
	M	D	M	D	M	D	M	D	M	D	M	D	M	D	M	D	M	D	
Norte	2,5	0,5	3,1	1,8	0,5	0,0	0,0	0,0	1,9	4,2	1,2	0,0	0,3	0,0	1,3	0,0	1,1	0,7	
Nordeste	10,7	1,5	7,1	0,0	9,7	2,0	6,6	2,5	11,5	0,0	15,3	1,2	8,4	0,0	7,2	4,2	10,0	1,4	
Sudeste	73,5	91,1	70,3	91,6	76,5	90,1	83,0	94,3	62,0	84,9	70,2	94,2	73,4	95,7	74,1	91,4	73,2	92,0	
Sul	10,9	6,1	15,7	5,9	11,8	7,9	9,6	3,2	23,3	10,9	9,7	1,9	13,4	3,7	13,3	4,4	12,9	5,4	
C.- Oeste	2,3	0,8	3,8	0,7	1,5	0,0	0,9	0,0	1,2	3,6	3,6	2,8	4,5	0,6	4,2	0,0	2,8	0,6	
Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: CAPES/CGA/DEM

Evidentemente, essa concentração se dá também pela própria realidade sócio-econômica do País, onde os estados da região Sudeste, com exceção do Espírito Santo, respondem pelo maior parque industrial e pela maior demanda de consumo em relação às outras regiões.

A partir desses indicadores, em que pese todos os problemas já conhecidos do sistema educacional brasileiro, os cursos de pós-graduação foram fundamentais para o avanço da pesquisa em nossas universidades. Seus programas constituem o ponto central de todo esse processo, precisamente porque é no âmbito deles que se formam os professores, pesquisadores, cientistas e profissionais de que o Brasil pode dispor no presente e no futuro.

Não é nosso propósito aqui prosseguir com essa análise sobre a pós-graduação e a pesquisa na universidade brasileira. Nossa preocupação foi apenas apontar alguns aspectos para, a seguir, situarmos a pesquisa acadêmica em Comunicação.

Os cursos de pós-graduação em Comunicação não fogem da regra geral. Estão concentrados na região Sudeste e em instituições públicas, foram instalados, na sua maioria, na década de 70 e estão sujeitos a todas as determinações legais relativas a qualquer curso. Por isso, não podemos analisá-los isoladamente, mas sim como parte integrante do sistema educacional brasileiro.

2. Os cursos de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil: Surgimento, caracterização, linhas de pesquisa e quadro geral de dissertação e teses defendidas

A área de Comunicação Social, no conjunto dos cursos de pós-graduação existentes no Brasil, integra, na classificação da CAPES, a de Profissões Sociais. Pelos dados apresentados anteriormente no quadro II, esse setor possuía, em 1989, 91 programas com 90 cursos de Mestrado (9,5%) e 23 de Doutorado (5,4%), em relação às demais áreas de conhecimento.

Qual o posicionamento da área de Comunicação nesse quadro das Profissões Sociais?

Se considerarmos os sete cursos de Mestrado em funcionamento, a área ocupa apenas 7,8% do total de cursos oferecidos nessa categoria e 13,4% do Doutorado, pois dos programas existentes hoje somente três possuem o Doutorado.

As escolas que mantêm esses cursos estão, na sua maioria, vinculadas às universidades públicas e a duas universidades particulares confessionais: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Instituto Metodista de Ensino Superior, Instituto de Artes da Universidade de Campinas e Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Há também dois cursos que, apesar de não serem definidos como da área de Comunicação, têm programas ligados com a temática desse campo do conhecimento: o do Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco; e o do Mestrado

em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Existem ainda iniciativas já conhecidas de universidades do Sul e Nordeste do País, bem como da Universidade Federal de Minas Gerais, que estão por implantar novos mestrados em Comunicação Social.

Na produção científica da área dispomos de diversos artigos que versam especificamente sobre a estrutura e as linhas de pesquisa desses cursos de pós-graduação em Comunicação, os quais foram publicados pela Intercom em livros e anais e na Revista Brasileira de Comunicação. Tais dados foram apresentados pelos coordenadores de cada curso nos eventos científicos promovidos pela entidade (10) e transformados em artigos.

Considerando, portanto, que existe um detalhamento já disponível sobre o seu funcionamento, procuraremos, a seguir, apresentar somente dados sintéticos atuais, capazes de identificar a atuação básica dos cursos, oriundos dos próprios informes de cada centro e daqueles obtidos quando da realização dos Simpósios Regionais de Pesquisas em Comunicação, em 1992.

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Os cursos de Mestrado em Ciências da Comunicação e em Artes tiveram início, respectivamente, em 1972 e 1974. Os de Doutorado, em 1980.

Essas duas áreas de concentração — Ciências da Comunicação Biblioteconomia e Documentação, Jornalismo e Editoração, Relações Públicas e Propaganda e Rádio e Televisão) e Artes (Teatro, Cinema, Artes Plásticas) — se caracterizaram ao longo dos últimos anos por uma ampla diversidade e interdisciplinaridade de linhas temáticas vivenciadas pelos diferentes departamentos que integram a ECA-USP, refletidas na produção científica existente nos dois níveis (Mestrado e Doutorado), onde se constata a variedade dos assuntos investigados.

A partir de 1992, após vários seminários e diagnósticos sobre a situação da pós-graduação na Escola, os cursos existentes estão passando por uma reestruturação, decorrente de um aprofundamento metodológico e teórico verificado nas antigas áreas de concentração e da reformulação de suas linhas de pesquisa.

Houve um desmembramento deles com a criação de programas específicos e autônomos em Artes Cênicas (Mestrado e Doutorado), Jornalismo (Mestrado e Doutorado), Musicologia (Mestrado), Turismo e Lazer (Mestrado) e Ciências da Informação (Mestrado e Doutorado). Com pedido de credenciamento já solicitado ao Conselho Federal de Educação e em tramitação na CAPES, já estão sendo oferecidos em 1993, autorizados pelo Conselho de Pós-Graduação da USP. As demais áreas, de Artes Plásticas, Imagem e Som, Estudos Interdisciplinares de Comunicação, Estética e História da Arte e Comunicação para o Mercado (Relações Públicas e Publicidade e Propaganda) estão em fase de aprovação nos órgãos colegiados da ECA e da Universidade, devendo entrar em funcionamento nos próximos anos.

Os programas específicos estão vinculados aos departamentos da Escola, com áreas de concentração determinadas de acordo com as linhas de pesquisa.

O programa de Mestrado em Comunicação começou em 1972 e o Doutorado, em 1983. Tinha três áreas de concentração: Sistemas de Comunicação, Sistemas de Significação e Informática Cibernética, trabalhadas dentro do pressuposto de que a comunicação não se aprende como mero objeto de uma ciência específica, mas, ao contrário, como a própria força estruturante do campo humanístico.

A criação, em 1981, do Programa Interdisciplinar de Pesquisa Humanística (IDEA) e, em 1986, do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC) representou a consolidação das linhas institucionais de pesquisa que caracterizam esse projeto.

A principal perspectiva do desdobramento do Programa localiza-se no interesse em fortalecer uma área de concentração especificamente voltada para o papel da Comunicação e da Cultura na realidade nacional e outra para a Tecnologia da Imagem.

No ano de 1993, se concentravam no Mestrado duas linhas básicas de pesquisa: Teoria da Comunicação e da Cultura e Tecnologia da Imagem. E no Doutorado: História dos Sistemas de Pensamento, Conceitos Temáticos e Funções Operativas nos Processos de Comunicação, Cultura e Sociedade Contemporânea, Ética e Discurso Social na Comunicação, Comunicação e Simbolismo e Informação, Cultura e Sociedade.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A PUC/SP tem o programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, nos níveis de Mestrado e Doutorado. Ele foi originalmente implantado, em 1970, com o título de Teoria Literária. Sob a rubrica de Comunicação e Semiótica, passou a existir em 1978, numa ampliação do programa anterior.

Após 1978, durante seus primeiros anos de modificação, o programa passou por um processo de transição, ainda fortemente marcado pela herança literária. Desde 1980, e mais intensamente a partir de 1985, ele sofreu significativa mudança, a fim de atender a demanda de candidatos de Mestrado e Doutorado advindos de outras áreas sem a predominância do campo de Letras. Neste sentido foram criadas novas áreas de concentração e linhas de pesquisa, dando-se ênfase muito maior à Semiótica, que deixa de ser uma disciplina para se transformar numa viga-mestra, sustentando todo o programa numa perspectiva interdisciplinar semiótica.

Atualmente são as seguintes as áreas de concentração propostas pelo programa: Comunicação, Literatura, Artes e Tecnologia da Informação. Elas são trabalhadas por cinco linhas de pesquisa: Literatura e Intertextualidade, Sistemas Intersemióticos, Semiótica da Cultura, Semiótica Psicanalítica e Ciências Cognitivas e da Informação.

O mestrado da UnB começou em 1974, no início fortemente marcado pelo tema de Comunicação e Desenvolvimento, com estudos dedicados especialmente à Comunicação Rural. Esta ênfase na política agrícola deveu-se ao fato de o programa ter nascido atrelado ao tópico desenvolvido, assim como à Embrapa, à Embrater e ao próprio Ministério da Agricultura. A partir de 1980, ele sofreu algumas mudanças, concentrando-se as pesquisas nas relações entre o poder e o Estado em duas áreas: Política de Comunicação e Comunicação e Cultura.

Ao longo dos últimos anos, novas contribuições lhe foram incorporadas, apresentando ele hoje preocupações mais abrangentes. Assim, a área de concentração chamada de Comunicação e Cultura Contemporânea se desdobra nas linhas de pesquisa formadas por Economia Política da Comunicação e Linguagem e Comunicação e o Processo Social.

Instituto Metodista de Ensino Superior

O Mestrado em Comunicação no IMS teve início em 1978, tendo como áreas de concentração: Teoria e Ensino da Comunicação e Comunicação Científica e Tecnológica.

A área de Teoria e Ensino da Comunicação, anteriormente denominada de Metodologia da Comunicação, é trabalhada nas seguintes linhas de pesquisa: Comunicação, Educação e Sociedade e Comunicação e Cultura.

A outra área de concentração, Comunicação Científica e Tecnológica, passou por um processo de reestruturação, deixando de atender apenas o escopo da comunicação empresarial para alcançar um universo mais abrangente da Comunicação Científica e Tecnológica, por meio de três linhas básicas de pesquisa: Comunicação Rural, Divulgação Científica e Comunicação Empresarial.

Universidade de Campinas

A Unicamp, por meio de seu Instituto de Artes, mantém o Mestrado em Múltiplos Meios, criado em 1986, e o Mestrado em Artes, que teve início em 1989.

O Mestrado em Múltiplos Meios tem como propostas básicas: fomentar uma perspectiva interdisciplinar de pesquisa; formar e qualificar pessoal para a utilização de recursos de múltiplos meios na pesquisa de Artes e Comunicações; e capacitar pessoal para a docência em nível superior nesta perspectiva.

As áreas de concentração de pesquisa são: Ciência de Múltiplos Meios; Concepção e Realização em Múltiplos Meios; Significação e Múltiplos Meios; Comunicação e Múltiplos Meios; e Metodologia da Pesquisa em Múltiplos Meios.

As diversas linhas de pesquisa fazem parte de cada área de concentração, onde se desenvolvem em atividades e disciplinas na área de reflexão (Teoria da Comunicação, Semiologia etc.), na área de realização (como fazer) e na área de concepção.

O Mestrado em Artes tem como objetivos: formar e qualificar profissionais, docentes e pesquisadores em Artes, voltados para o fazer artístico e a

reflexão teórica sobre esse fazer; fomentar, tanto entre os variados campos da expressão artística, como entre as artes e as ciências, uma perspectiva interdisciplinar de reflexão e de pesquisa em torno deste fazer artístico; e capacitação pessoal para a docência em nível superior nessas perspectivas de conjunto.

Esse curso está delineado para atender diversas áreas do conhecimento: Direção Teatral; Montagem Cênica e Dança; Composição; Instrumento (teclados); Regência; Expressão Bidimensional (desenho, gravura, pintura); Expressão Tridimensional (escultura, objetos, montagens, assemblages, instalações); Foto, Cinema e Vídeo-Arte; Multimeios e Arte-Educação; Arte e Novas Tecnologias; e Integração Crítica das Artes num primeiro momento. No futuro, serão abertas as seguintes: Dramaturgia; Espaço Cênico; Ator e Mídia; Coreografia; Técnica de Dança; Musicologia; Conservação e Restauração de Obras Artísticas; e Poética e Sistemas Sígnicos não-Verbais.

Universidade Federal da Bahia

O programa de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia foi criado em 1989, com duas áreas de concentração: uma voltada para os aspectos teóricos da produção dos bens simbólicos, da Comunicação e da Cultura no mundo contemporâneo; e outra destinada aos estudos aplicados da produção de bens simbólicos e da dinâmica dos seus meios no Brasil.

O curso visa, precipuamente, a dois objetivos básicos: formação e aperfeiçoamento de professores e pesquisadores na área de Comunicação; e criação de um centro interdisciplinar de reflexão e da produção de conhecimentos nas áreas de Comunicação e Cultura, fora do eixo Centro-Sul do País.

Sua atual área de concentração — Aspectos Teóricos e Aplicados da Comunicação e Cultura Contemporâneas — tem caráter amplo, abrangendo:

a) Investigações teóricas das questões gerais relativas à dimensão simbólica na sociedade contemporânea, no que se refere à sua dinâmica interna e/ou à sua relação com a produção material característica da moderna sociedade capitalista, com ênfase no estudo dos meios de produção e circulação de bens simbólicos que ocupam posição hegemônica na sociedade contemporânea;

b) Investigações sobre casos específicos no âmbito da produção de bens simbólicos e a dinâmica da comunicação, em seus diversos aspectos, privilegiando-se, geograficamente, o Brasil como campo de estudo.

Em ambos os casos parte-se da inevitável premissa da indissociabilidade entre teoria e prática, abrindo-se, porém, espaço para estudos que se situariam na chamada área da “pesquisa básica”, que vem recebendo pouca atenção, de um modo geral no Brasil, na área das Ciências Humanas e na área de Comunicação e Cultura em especial.

Com o panorama traçado sobre os cursos de pós-graduação em Comunicação, iremos, a seguir, apresentar um quadro geral do número de dissertações e teses de doutorado já defendidas, cujos dados foram obtidos por meio de contatos pessoais com os próprios centros, sendo que os de até o ano de 1988 foram utilizados da fonte original dos anais do simpósio “A Pesquisa Brasileira de Comunicação nos anos 80 e a Contribuição da Intercom”.

Quadro IV**Números de dissertações e teses defendidas nos cursos de graduação em comunicação no Brasil**

Centros	MESTRADO				DOUTORADO		
	1970	1980	1990 a jun/1993	Total	1980	1990 a jun/1993	Total
ECA/USP	22	221	198	441	124	105	229
ECO/RJ	79	180	67	326	6	11	20
PUC/SP	15	51	74	140	17	12	29
UnB	19	27	25	71	-	-	-
IMS	-	55	47	102	-	-	-
UNICAMP	-	-	9	9	-	-	-
UFBA	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	135	534	420	1089	147	131	278

Fonte: Centros de Pós-Graduação em Comunicação

Anais "A Pesquisa Brasileira de Comunicação nos anos 80 e a Contribuição da Intercom", pp. 37-38.

Ressalte-se que nesse número de dissertações de Mestrado não estão incluídas as do Curso de Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural, da Universidade Federal de Pernambuco, e de Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria, RS, cujos dados apresentamos no quadro seguinte.

Quadro V

Centros	Períodos de defesa	Número de dissertações	Observações
UFRPE	1981-1992	19	Somente estão incluídas as de Comunicação
UFSM	1978 - Maio/1993	18	Área de Comunicação
TOTAIS	-	37	-

FONTE: Centros de Pós-Graduação da UFRPE e da UFSM.

Informe apresentado por Roberto Emerson C. Benjamin, da UFRPE, no II Simpósio de Pesquisadores da Região Nordeste.

Assim, de acordo com os dados apresentados, os cursos de pós-graduação em Comunicação e os dois de Comunicação Rural formaram, até junho de 1993, 1125 mestres. Os três centros, que oferecem também os cursos em nível de doutorado, formaram 278 doutores.

Como nossa análise está centrada somente nos cursos de pós-graduação em Comunicação, não dispomos de números dos mestres e doutores formados em outras áreas do conhecimento no Brasil e no Exterior. Há, ainda aqueles que defenderam o doutorado, no País, antes da vigência do sistema da pós-graduação. Por isso, estima-se que o número de mestres e doutores de que o Brasil dispõe hoje seja bem maior.

Quanto às tendências e à predominância da temática da produção gerada por esses centros, faremos apenas uma breve apreciação, pois uma análise rigorosa demanda uma busca com critérios às fontes, algo que estamos fazendo com um recorte da produção científica da área de Comunicação da década de 80 e que pretendemos divulgar no futuro.

Os registros bibliográficos do Banco de Dados Portdata, do Port-Com - Intercom, apontam uma variedade temática que perpassa todas as áreas da Comunicação e outras áreas do conhecimento, sobretudo as de Humanas e de Ciências Sociais. Há, portanto, trabalhos sobre as áreas específicas profissionalizantes e numa perspectiva interdisciplinar.

Ao analisar uma amostra desses registros do período de 1980-1992, chamou-nos a atenção o fato de que dentro dos 50 títulos temáticos (macro-descriptores do Portdata), há predominância dos estudos sobre Jornalismo, Biblioteconomia, Televisão, Publicidade e Propaganda, Cinema, Cultura, Lingüística e Semiologia e poucos trabalhos sobre Teoria e Pesquisa em Comunicação e as Novas Tecnologias da Comunicação. No caso específico da pesquisa, existem apenas cinco (três da ECA-USP, um da ECO-UFRJ e uma do IMS).

Pelo fato de a área de Comunicação ser muito complexa e interdisciplinar, muitas barreiras terão que ser enfrentadas, como veremos nos próximos itens. Há necessidade de se buscar um melhor delineamento da comunicação como objeto próprio de estudo e de se investir mais no uso adequado das práticas metodológicas, para que tanto a pesquisa fundamental quanto a aplicada alcancem um nível ideal.

3. A CONTRIBUIÇÃO DA INTERCOM PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

A Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, desde quando foi fundada, em 12 de dezembro de 1977, tem exercido importante papel no processo de desenvolvimento da pesquisa em Comunicação no Brasil.

Sua contribuição, fundamentalmente, diz respeito à socialização do conhecimento, mediante uma vasta documentação gerada pelos diversos eventos científicos levados a efeito com o objetivo de debater temas atuais e emergenciais, bem como pelo trabalho de cooperação nacional e internacional.

Na linha de publicações, ela tem editado uma série de livros e coletâneas, os Cadernos Intercom, a Revista Brasileira de Comunicação, a Bibliografia Brasileira de Comunicação e outras obras de referências. Com essa frente de atuação ela realiza o trabalho de divulgação da produção científica de seus

pesquisadores, elaborada nos eventos que promove e no âmbito das universidades.

Na área dos eventos científicos, o congresso anual, com os GTs e a sessão de Iniciação Científica, tem permitido um espaço por excelência para florescimento de novos projetos de pesquisa. Os simpósios regionais têm possibilitado um mapeamento das pesquisas que estão sendo levadas a efeito em cada região brasileira.

Os trabalhos de cooperação internacional, por meio de convênios com entidades de Comunicação (Coneicc-México, SFISIC-França, Sociedad Catalana-Espanha), estão todos voltados para a realização de pesquisas conjuntas com vistas a estudos comparativos entre os respectivos países. A atuação da Intercom junto à IAMR/AIERI e à ALAIC, por meio da participação dos seus associados nos congressos internacionais, tem permitido projetar a pesquisa brasileira de comunicação de forma significativa, pelo elevado número de "papers" apresentados nos últimos anos.

Uma demonstração concreta do papel da Intercom para incentivar a pesquisa em Comunicação no Brasil foi o trabalho apresentado por J.S. Faro — "A Universidade fora de si: a Intercom e a organização dos estudos de Comunicação no Brasil" —, em forma de dissertação de Mestrado (11).

Em síntese, a Intercom atua basicamente em seis frentes:

- 1) Publicações, livros, coletâneas, Cadernos Intercom e Revista Brasileira de Comunicação.
- 2) Port-Com: Centro de Documentação em Comunicação de Língua Portuguesa, que edita a Bibliografia Brasileira de Comunicação e a Bibliografia Corrente, além de organizar a base de dados Portdata;
- 3) Eventos culturais e científicos: Congresso anual, simpósios regionais de pesquisa, colóquios e cursos de curta duração;
- 4) GTs: grupos de trabalho por área de conhecimento;
- 5) Cooperação nacional e internacional;
- 6) Prêmio Intercom de Comunicação.

4. OS DESAFIOS DOS ANOS 90

São muitos os desafios que despontam nesta década de noventa, que prenuncia o terceiro milênio. Especificamente para a pesquisa acadêmica, podemos, à guisa de reflexão, enumerar algumas.

1. Enfrentar a década de 90 e entrar no ano 2000

O mundo mudou e parece que muita gente ainda não se deu conta. Com o fim da guerra-fria se iniciou uma nova realidade, dominada pela competição econômica e por uma Nova Ordem Internacional. A globalização da economia leva o mundo a se transformar em megamercados e provoca grandes transformações em muitos outros campos. A sociedade brasileira, sobretudo a representada pela elite econômica, política e intelectual, resiste a encarar as mudanças que o mundo atual exige. Nesse contexto podemos situar os cursos de Comunicação. É preciso, pois, que os pesquisadores da área repensem seu

papel e verifiquem como sua produção científica poderá contribuir ou não para mudar a situação que aí está.

2. Estudar a comunicação: os fenômenos emergentes e análise do poder da informação tecnológica.

O avanço tecnológico das telecomunicações — televisão, rádio, computador, facsímile, transmissões via satélite - põe a Terra inteira em nossa agenda, empurra a sociedade a um novo comportamento e conseqüentemente a um novo processo comunicativo-social.

De que estudos sobre todos esses fenômenos dispomos em nossas universidades? Temos investigado, por exemplo, o impacto da informática no cotidiano das pessoas?

Albino Rubim refere-se a uma “revolução das comunicações”: “Instalada a partir de meados do século XIX e intensificada no século XX, sem dúvida, penetra atualmente toda a sociabilidade. Sua aparente imediatez, sua instantaneidade e simultaneidade reiventam vivências, alteram percepções, sensibilidade e processos cognitivos. A sociabilidade, de modo significativo, modifica-se espacial e temporariamente. Os modernos e contemporâneos aparatos sócio-tecnológicos de produção e difusão de materiais simbólicos se inscrevem decisivamente nestas mudanças. E, mais: as previsões para o futuro, mesmo aquele próximo, sugerem uma expansão explosiva das comunicações e uma potencialização sem precedentes de suas ressonâncias sociais. Uma nova revolução das comunicações encontra-se em andamento. Nela interligam-se, em termos diferenciais e complexos, a comunicação mediática, as telecomunicações e a informática. As contemporâneas e enigmáticas relações entre comunicação e política tem como locus e realizam-se neste cenário”(12).

3. O descompasso do desenvolvimento da pesquisa feita na universidade com a realidade social e com o mercado profissional

Infelizmente a universidade não consegue acompanhar a dinâmica dos novos tempos. Está atolada na burocracia e no culto à gradação de títulos, funções e cargos e limita as ações criativas dos seus agentes. A área de Comunicação, que pelas suas peculiaridades deveria ser criativa, também se insere nesse contexto. Muitas pesquisas são feitas mais em função da obtenção de títulos e da satisfação pessoal do que com o intuito de contribuir para as mudanças sociais e para um saber novo nessa área de conhecimento.

Nilson Lage, em sua palestra no II Simpósio de Pesquisa da Região Sul, em agosto de 1992, afirmou: “O que tem sido a pesquisa de Comunicação no Brasil? Talvez possa resumir a situação admitindo que, com uma exceção aqui, outra adiante, perdemos duas décadas: nesse período quase tudo o que se produziu foram pesquisas de denúncia e pesquisas de concessão. Denúncias do monopólio e das ameaças à liberdade, que suscitaram problemas relevantes, mas não indicaram caminhos para solucioná-los; concessão à inconformidade geral do meio acadêmico diante da natureza industrial da produção das mensagens culturais no mundo contemporâneo” (13).

José Marques de Melo destaca dois motivos fundamentais que explicam esse distanciamento: "1) A ambiguidade que marca a fisionomia dos programas acadêmicos de Comunicação na América Latina, que preparam comunicadores (jornalistas, publicitários, cineastas etc.), mas que recusam a economia de mercado como parâmetro definidor das suas metas pedagógicas e científicas. As estratégias educacionais/investigativas imperantes nas escolas de Comunicação têm sido até agora orientadas para formar comunicadores capazes de intervir na indústria cultural como agentes de sua transformação. Melhor dizendo, como profissionais guiados pela utopia socialista, visando à construção de uma nova sociedade, e portanto descomprometidos com os princípios que norteiam a produção comunicacional vigente nas sociedades capitalistas. A ênfase da formação universitária tem sido encaminhada majoritariamente para a 'comunicação alternativa', contrapondo-se filosoficamente à 'comunicação hegemônica'; 2) a quarentena imposta pelos governos militares brasileiros à vida universitária empurrou toda a comunidade acadêmica a uma atitude corporativa de resistência ao autoritarismo. Tal comportamento político condicionou os projetos didáticos e os programas de pesquisa, privilegiando hipóteses e metodologias sintonizadas com a militância anti-ditadura. Muitos pesquisadores, conscientes da necessidade de acumular conhecimento descritivo sobre os fenômenos comunicacionais que emergiam no País, foram compelidos a abandonar suas propostas originais e reforçar os estudos rotulados como 'pesquisa-denúncia' e 'pesquisa-ação', participante da movimentação nacional para restaurar a democracia" (14).

Para Luciano Coutinho, "de nada adiantará investir num sistema universitário criativo se ele não interagir com um sistema empresarial capaz de absorver, fazer uso e transformar em tecnologia o conhecimento técnico-científico acumulado na universidade" (15).

O desafio, portanto, é fazer com que as pesquisas de Comunicação geradas na universidade realmente tragam melhorias e mudanças para a sociedade em geral, no sentido construtivo, como resultado da utilização de um saber novo e transformador, que deve ser buscado na pesquisa básica.

4. Revisão dos paradigmas existentes

Há necessidade urgente de se reverem os paradigmas existentes. A história muda e nós não mudamos os conceitos. A dinâmica atual exige novas posturas e reformulações.

Acreditamos que a área de Comunicação tem que buscar suas próprias saídas, sem depender totalmente de outros campos do conhecimento. Faz-se necessário concentrar a Comunicação como objeto de estudo, sem fazer tantos rodeios periféricos e generalistas.

Para Lage, "a pesquisa de 'fora', a partir da Antropologia, da Sociologia ou da Teoria Literária, tem-se mostrado pouco produtiva se se pretende atuar no campo das atividades da Comunicação, para aperfeiçoá-las ou transformá-las. Tem servido mais para condenação ou absolvição globais, num irritante processo em que a mesma coisa é dita repetidamente, em discursos positivistas,

comportamentalistas, marxistas, liberais, modernos e pós-modernos - sem conseqüências práticas” (16).

5. A construção de um corpus teórico autônomo do conhecimento e o estabelecimento de um discurso próprio

No Brasil defrontamo-nos com duas correntes teóricas correndo em paralelo. Uma, mais preocupada com a comunicação enquanto fenômeno no âmbito das ciências humanas, numa perspectiva mais conceitual, como processo comunicativo na sociedade. A outra, centrada numa concepção da comunicação vista numa perspectiva instrumental, mais das práticas profissionais (17).

É muito salutar que isso ocorra. Pois é da diversidade e da pluralidade das idéias que se gera o melhor. Porém, o que falta é uma discussão construtiva conjunta, pois uma depende de outra e na prática complementam-se entre si. O que seria, por exemplo, da prática jornalística sem a fundamentação teórica do processo comunicativo em todas as esferas?

É preciso, assim, avançar numa discussão sobre como buscar para a Comunicação uma legitimidade acadêmica frente às demais ciências, configurando-a como um campo autônomo do conhecimento.

6. A falta de integração entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa produzida no mercado profissional

A pesquisa de Comunicação realizada no âmbito das empresas (institutos de pesquisa, agências de propaganda, assessorias de relações públicas, meios de comunicação etc.) representa o maior volume do que é gerado nessa área, no País. Ela é considerada de excelente qualidade e comparável à dos países do Primeiro Mundo. No entanto, não há um trabalho de parceria com a universidade. Isto é, as Escolas de Comunicação não costumam buscar formas de viabilizar um trabalho cooperativo com essas empresas e os pesquisadores, por sua vez, as ignoram.

Buscar formas de negociação com essas organizações, a fim de que dados disponíveis, que possam facilitar e fundamentar a produção acadêmica, sejam incorporados aos bancos de dados das bibliotecas universitárias, seria uma saída não só para democratizar as informações, como também para maximizar todo o material de pesquisa já acumulado e não utilizado.

7. O isolamento entre os cursos de pós-graduação e os cursos de graduação

A falta de sintonia e de integração entre os cursos de pós-graduação e os de graduação é outro desafio a ser enfrentado. O distanciamento existente tem impedido uma melhoria da qualidade do ensino na graduação e na formação de novos e futuros pesquisadores. A própria CAPES reconhece essa deficiência. “A pós-graduação foi estruturada, prioritariamente, para fornecer condições de desenvolvimento às próprias universidades, estimulando-as a incrementar a produção científica e a melhorar a qualidade do ensino. Respondendo a essa

orientação, a pós-graduação esteve e ainda está em grande parte voltada para si própria, tentando promover a reprodução ampliada do quadro de docentes-investigadores universitários. E, ao empenhar nessa tarefa o pessoal mais qualificado das universidades, ela foi, de certo modo, se isolando da graduação” (18).

Um dos caminhos que algumas universidades já estão utilizando é a incrementação dos projetos integrados de pesquisa, onde os alunos de graduação se envolvem em trabalhos de Iniciação Científica.

5. AVALIAÇÃO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Já são por demais conhecidos, no meio acadêmico, o trabalho de avaliação realizado pela CAPES junto aos cursos de pós-graduação, bem como os documentos já produzidos também pelo CNPq (19).

Nossa proposta, aqui, é sugerir que a área de Comunicação, por meio dos cursos de pós-graduação e das associações científicas, crie mecanismos capazes de avaliar melhor a pesquisa que vem sendo desenvolvida nessas duas últimas décadas.

Uma avaliação tem que passar também por respostas a questionamentos, como:

- Qual a contribuição que está sendo dada para compreendermos melhor o processo comunicativo em todos os níveis (intrapessoal, interpessoal, organizacional, na sociedade em geral)?

- Qual o nível alcançado tanto na pesquisa fundamental como na pesquisa aplicada?

- Por que não houve avanço nos estudos teóricos da Comunicação?

- Qual é o papel dos cursos de pós-graduação para o aperfeiçoamento profissional e crítico das diversas habilitações da área de Comunicação, considerando-se-as como profissões das Ciências Sociais Aplicadas?

- Qual a contribuição que está sendo dada para melhoria da qualidade de vida da população?

- Como estão sendo aproveitados os pesquisadores-doutores espalhados pelo País em regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul) que não dispõem de cursos de pós-graduação?

- Os investimentos públicos na área estão sendo aproveitados e de maneira eficaz?

- As linhas de pesquisa atendem a demanda social?

Os cursos de pós-graduação têm que extrapolar os muros da universidade e os relatórios burocráticos internos e abrir um debate com docentes, alunos, entidades afins e outros segmentos da sociedade civil, para uma avaliação conjunta.

Se considerarmos a proposta básica da criação do Mestrado, como mencionamos no início deste trabalho, veremos que há um desvirtuamento do que se pretendia. Muitos profissionais da área acabaram abandonando os estudos por não encontrarem respostas às suas necessidades. O Mestrado, assim, “acabou se transformando num curso de formação estritamente acadêmica, como um ‘doutorado menor’” (20). E a área acadêmica de Comunicação,

por fazer parte das Ciências Sociais Aplicadas, perdeu uma grande oportunidade de interferir criticamente e tecnologicamente no mercado de trabalho. Ressalte-se, entretanto, sua grande contribuição para aqueles que seguiram a carreira acadêmica e que optaram pelo magistério superior.

6. ESTABELECIMENTO DE POLÍTICAS E PRIORIDADES

Considerando a escassez de recursos para a pesquisa e a realidade das escolas de Comunicação no Brasil, hoje, mais do que nunca, há necessidade de que sejam estabelecidas políticas para o crescimento e linhas prioritárias de ação.

A área de Comunicação como um todo tem que pensar em políticas definidas para: investimento em recursos humanos na formação de pesquisadores; criação de núcleos de pesquisa para atender demandas sociais; incentivo ao desenvolvimento da pesquisa básica e à elaboração de projetos integrados de pesquisa; treinamento para pesquisa, por meio de projetos de Iniciação Científica; e novas alternativas de financiamento.

Outro ponto a merecer atenção é o estabelecimento de prioridades. Independentemente das linhas de pesquisa já determinadas nos centros de pós-graduação e das opções individuais dos pesquisadores, muitos estudos às vezes não são realizados por falta de consciência de suas necessidades. Podemos apontar alguns temas que mereceriam ser mais bem pesquisados no Brasil:

- Estudos comparativos dos sistemas de Comunicação (internacionais, nacionais, regionais e locais);
- As políticas de comunicação no Brasil;
- Estudo sobre as indústrias culturais;
- Ética na Comunicação;
- O impacto das novas tecnologias sobre a sociedade;
- Comunicação e meio ambiente/qualidade de vida;
- Comunicação e cotidiano;
- Comunicação e migração (rural-urbana);
- Comunicação nas organizações;
- Comunicação e Igreja: as interfaces com as culturas populares;
- Comunicação nos partidos políticos;
- Comunicação nos sindicatos (patronais e de trabalhadores);
- Comunicação e Educação;
- Estudos sobre recepção dos meios de comunicação;
- Os meios de comunicação e as novas formas comportamentais.

Finalmente, podemos concluir que, apesar do reduzido número de cursos de pós-graduação e das precárias condições institucionais da pesquisa científica em nossas escolas de Comunicação, nos encontramos num estágio satisfatório. Nossa reflexão nos leva a crer que agora é o momento oportuno para uma avaliação mais profunda da produção disponível e para um esforço conjunto em busca da melhoria da qualidade da pesquisa acadêmica.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo, Loyola, 1989, p. 40.
- (2) DURHAM, Eunice R. & GUSSO, Divonzir Arthur. **Pós-graduação no Brasil: problemas e perspectivas**. Brasília, CAPES (Mimeo), p. 2.
- (3) Idem, ibidem, p. 5.
- (4) Idem, ibidem, p. 6.
- (5) CASTRO, Cláudio de Moura. **Ciência e universidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1906, p. 12.
- (6) COELHO, Edmundo Campos. **A sinecura acadêmica: a ética em questão**. São Paulo, Vértice/Editora da Revista dos Tribunais, 1983, p. 79.
- (7) DURHAM, Eunice R. & GUSSO, Divonzir Arthur. Op. cit., p. 3.
- (8) Idem, ibidem, p. 3.
- (9) Idem, ibidem, p. 13.
- (10) MELO, José Marques de (org.). **Teoria e pesquisa em comunicação - Panorama latino-americano**. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983.
Pesquisa em comunicação - tendências e perspectivas. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983.
Estas duas referências foram resultantes da realização do V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação pela Intercom, em 1982. Na ocasião foi apresentado um quadro da pesquisa em Comunicação no Brasil, avaliando tendências e a produção científica das décadas 60/70.
KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). **A pesquisa brasileira da comunicação nos anos 80 e a contribuição da Intercom**. São Paulo, CNPq/Intercom 1989.
Nesses anais do simpósio "A pesquisa em Comunicação nos anos 30", realizado em 1988 estão relacionados todos os cursos de pós-graduação. A **Revista Brasileira de Comunicação** (São Paulo, Intercom, n. 59, ano XI, Julho a Dezembro de 1988) dedicou uma secção inteira ao Fórum - "Atualidades do ensino de comunicação" (pp. 107-138), com artigos de todos os coordenadores de pós-graduação na época (Virgílio Noya Pinto, ECA/USP; Lúcia Santaella, PUC/SP; Onésimo Oliveira Cardoso, IMS; Márcio Tavares d'Amaral, ECO/UFRJ; e Sérgio Dayrell Porto, UnB).
CAPARELLI, Sérgio. "A pesquisa em comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas - CNPq. In: **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Intercom, n. 62/63, Ano XII, 1990, pp. 5-45.
- (11) FARO, J. S. **A universidade fora de si: a Intercom e a organização dos estudos de comunicação no Brasil**. São Paulo, Intercom, 1992, Coleção Intercom de Comunicação, n. 1.
Faz um recorte do papel exercido pela Intercom no desenvolvimento da pesquisa em Comunicação no Brasil, em parceria com as universidades, numa conjuntura a política vivida pelo País no regime de ditadura militar. A análise da conjuntura nacional da segunda metade dos anos 70 e do Brasil contemporâneo constitui outro grande mérito deste trabalho. O

estudo resgata portanto, um período de pesquisa em Comunicação no País e demonstra como a Intercom conseguiu organizar e articular os pesquisadores de comunicação, rompendo o quadro de dispersão e de isolamento que a crise da universidade provocava na época.

- (12) RUBIM, Antonio Albino C. "Sociabilidade, comunicação e política contemporâneas. Subsídios para uma alternativa teórica." In: **Textos de Cultura e Comunicação**. Salvador, UFBA, n. 27, 1992.
- (13) LAGE, Nilson. "Pesquisa e realidade atual". In: **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Intercom. vol. XVI, n. 1, jan./jun., 1993, p. 167.
- (14) MELO, José Marques de. **Comunicação e modernidade**. São Paulo, Loyola, 1991, p. 96-97.
- (15) COUTINHO, Luciano. "Ciência e tecnologia". In: AJZENBERG, Elza (org.). **Comunicação e artes em tempo de mudanças: Brasil, 1966/1991**. São Paulo, ECA/USP, 1991, p. 39.
- (16) LAGE, Nilson. Op. cit., p. 168.
- (17) Sugerimos a leitura dos seguintes textos:
 - LIMA, Venício A. de "Profissões e formação teórica em comunicação". In: **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Intercom, ano XIII, n. 62, 1990, pp. 159-163.
 - MELO, José Marques de. **Comunicação e modernidade**. Op. cit., p. 91-94.
 - LAGE, Nilson. Op. cit., pp. 162-170.
 - CASTRO, Maria Ceres Pimenta. "Pesquisa e processo comunicativo". In: **Ordem/Desordem**. Belo Horizonte, PUC-MG, n. 10, outubro de 1992, pp. 1-48/17-21.
- (18) DURHAM, Eunice R. e... Op. cit., p. 16.
- (19) CAPARELLI, Sérgio. Op. cit., pp. 5-45.
- (20) DURHAM, Eunice e... Op. cit., p. 16.

Qualquer que seja o método utilizado e o paradigma preferido pelo pesquisador, por razões filosóficas ou ideológicas, a produção de conhecimentos resultantes de uma pesquisa séria precisa ser efetuada de acordo com o procedimento científico de, SISTEMATICAMENTE, (1) observar a coisa pesquisada, (2) dividir classificações (sejam nominais, sejam numéricas) criadas especificamente para o caso, ou adotadas dentre as já existentes, e (3) interpretar as observações e classificações através de inferências congruentes

Para uma visão mais ampla de paradigmas teórico-metodológicos na pesquisa de comunicação ver Lopes (1990).